



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS-PORTUGUÊS**

VALNIZE DA SILVA PEREIRA

***UMA ESCURIDÃO BONITA: MEMÓRIA E IDENTIDADE EM
ONDJAKI***

GUARABIRA – PB

2018

VALNIZE DA SILVA PEREIRA

***UMA ESCURIDÃO BONITA: MEMÓRIA E IDENTIDADE EM
ONDJAKI***

Monografia apresentada à banca examinadora,
no curso de Licenciatura Plena em Letras-
Português pela Universidade Estadual da
Paraíba, Campus III, como requisito à obtenção
do título de graduada em Letras.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Rosilda Alves Bezerra

GUARABIRA-PB

2018

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

P436e Pereira, Valnize da Silva.
Uma escuridão bonita [manuscrito] : memória e identidade em ONDJAKI / Valnize da Silva Pereira. - 2018.
35 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2018.
"Orientação : Prof. Dr. Rosilda Alves Bezerra, Departamento de Letras - CH."
1. Memória. 2. Identidade. 3. Literature angolana. I. Título
21. ed. CDD 911.33

VALNIZE DASILVA PEREIRA

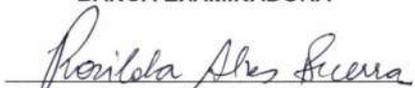
UMA ESCURIDÃO BONITA: MEMÓRIA E IDENTIDADE EM ONDJAKI

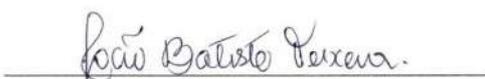
Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) apresentado à banca examinadora, no curso de Licenciatura Plena em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de Graduado em Letras Português.

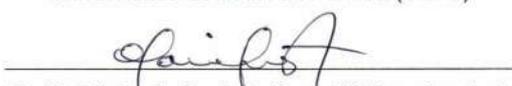
Área de concentração: Literaturas de Língua Portuguesa

Aprovada em: 29/11/2018

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Rosilda Alves Bezerra (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Ms. João Batista Teixeira (1º Examinador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Profª. Drª. Maria Suely da Costa (2ª Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico este trabalho a DEUS excelentíssimo senhor de minha vida, aos meus pais, aos meus irmãos, a professora Rosilda Alves Bezerra e a todas as pessoas que acreditam na educação.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer em primeiro lugar a Deus, pela vida, sabedoria, força, coragem e por nunca ter me abandonado durante toda esta caminhada.

Aos meus pais, Izabel Cristina da Silva Pereira e Eliomar Pereira, por todo amor, carinho, apoio, dedicação e incentivo nesses muitos anos de estudo e sucesso, em especial minha mãe, que muito contribui.

Aos meus irmãos, Izabely, Bruno Rannyery e Bruna Thaís pelo apoio, companheirismo e força nos momentos de desânimo para que eu pudesse chegar a este momento de vitória.

Ao longo da elaboração deste trabalho, inúmeras pessoas participaram, tornando-o uma construção coletiva, pois se tornou a síntese dos vínculos que fui construindo ao longo das convivências.

Aos colegas de curso, minha turma 2014.1, em especial Eliane, à qual compartilhei muitas das minhas decepções, preocupações e anseios. Obrigada Eliane por sua companhia e amizade durante toda a caminhada, amizade que levarei para toda vida.

Aos amigos de estrada, minha "Turma do Busão", Luana, Larissa, André, David, Cláudia e demais, não esquecendo os motoristas, que foram importantes nas idas e vindas da universidade, Sr. Zezinho, Jansen e Edwaci.

A professora Rosilda Alves Bezerra, excelente profissional, toda a minha gratidão por me aceitar como orientanda. Obrigado pelo apoio, compreensão, paciência e incentivo, o que tornaram possível a conclusão deste trabalho. Muito obrigada!

A todos os/as professores/as do curso de Letras/Português, que foram tão importantes na minha vida acadêmica e que tornaram a universidade o espaço vivo e efetivo na formação e a quem devo todo o meu conhecimento.

A toda turma da Graduação em Letras-Português, turma 2014.1, bom estar com vocês!

Enfim, a todos que foram força, apoio, incentivo, minha gratidão!

“Nós vós pedimos com insistência: Nunca digam – Isso é natural! Diante dos acontecimentos de cada dia. Numa época em que reina a confusão, em que corre o sangue, em que o arbitrário tem a força de lei, em que a humanidade se desumaniza... Não digam nunca: Isso é natural! Afim de que nada passe por ser imutável.”

(Bertolt Brecht, 1898-1956).

RESUMO

Este trabalho apresenta como objetivo geral, analisar as construções simbólicas a partir de recursos como a sinestesia, bem como, o recurso ilustrativo utilizado na produção estética do romance infanto-juvenil *Uma Escuridão Bonita* (2013), de Ondjaki, de forma a apresentar uma junção complementar entre leitura verbal e não-verbal no processo de liberdade interpretativa propostos na obra em seus silêncios. Tem como cenário Angola, mas precisamente Luanda, onde a narrativa se passa, trazendo evidências das mazelas e dos processos de luta e reconstrução de uma nova identidade através dos traços implícitos de memória. Tem a contribuição de alguns estudiosos, em especial de Rita Chaves (1999; 2005), Tânia Macêdo (2007), Thomas Bonnici (2009) e Maurice Halbwachs (1990), com o objetivo de enfatizar o poder da Literatura como fonte de memória, de expressão, registro e referência na consolidação de identidade(s). Sobretudo, contribuir com as literaturas africanas, que nesta obra é projetada pela reconstrução memorialista que nos leva a entender as relações estruturais que estão intrinsecamente e simbioticamente relacionadas.

Palavras-chave: Memória; Identidade; Literatura angolana.

ABSTRACT

This work presents as a general objective, to analyze the symbolic constructions from resources such as synesthesia, as well as, the illustrative resource used in the aesthetic production of Ondjaki's infantile-juvenile novel *A Beautiful Darkness* (2013), in order to present a joint complementary between verbal and non-verbal reading in the process of interpretive freedom proposed in the work in its silences. It is Angola, but precisely Luanda, where the narrative goes, bringing evidence of the problems and processes of struggle and reconstruction of a new identity through the implicit traces of memory. It has the contribution of some scholars, especially Rita Chaves (1999; 2005), Tânia Macêdo (2007), Thomas Bonnici (2009) and Maurice Halbwachs (1990), with the aim of emphasizing the power of Literature as a source of memory, of expression, registration and reference in the consolidation of identity (s). Above all, to contribute to the African literatures, which in this work is projected by the memorialist reconstruction that leads us to understand the structural relations that are intrinsically and symbiotically related.

Keywords: Memory; Identity; Angolan literature.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	09
2. A LUZ FALTOU DE REPENTE: MEMÓRIA E ESPAÇO	
2.1 A memória e o processo de formação de identidade	11
2.2 O espaço angolano: terreno de possibilidades e transformações	14
3. NA CONTRALUZ DE UM LUAR MINGUANTE: SURGE UMA ESCURIDÃO BONITA	
3.1 Situando Ondjaki entre os espaços de guerra e de literatura	18
3.2 Uma escuridão bonita: uma obra marcada por memória e identidade	20
4. NOITE DUMA BENDITA, BONITA, FALTA DE LUZ: ANÁLISE DE ALGUNS ELEMENTOS QUE MARCAM A OBRA	
4.1 Memórias e contrastes de uma escuridão bonita	26
A escuridão	26 - 28
Avó Dezanove	28 – 29
A fantasia do Cinema Bu	29 – 31
O romance e o beijo de uma escuridão bonita	31 - 32
CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS	35

1 INTRODUÇÃO

A literatura é o meio pela qual se pode estimular a imaginação, transferir o leitor de um lugar para o outro sem mover do lugar onde está, colocar em contato com diferentes personagens e de certo em lugares mágicos, de épocas, países e mundos diferentes, também acabamos por conhecer e perceber as marcas do escritor e muitas vezes do seu cotidiano em seus registros. A literatura tem esse poder e com ela um arcabouço de relações, produções e trocas de afeto de um dado momento, comunidade ou grupo.

Nesse sentido, à luz da Literatura Africana, principalmente da literatura infanto-juvenil, este trabalho será moldado, considerando a dificuldade e os esforços a respeito dessa Literatura, proveniente de um continente imensamente rico e diverso, mas limitado por uma visão estereotipada, não podemos igualmente perder de vista as marcas, danos e, por conseguinte os fragmentos existenciais de identidade. E na busca de se encontrar com memórias, cultura, tradição, a Literatura é o instrumento de acesso, documento e registro que norteia o sujeito, torna-o existencial e o coloca frente a sua identidade, que nesse caso trata-se da africanidade, no sentido de acessar ao passado através dos traços de memória.

Este trabalho apresenta como objetivo geral, analisar as construções simbólicas a partir de recursos como a sinestesia, bem como, o recurso ilustrativo utilizado na produção estética do romance infanto-juvenil *Uma Escuridão Bonita* (2013), de Ondjaki, de forma a apresentar uma junção complementar entre leitura verbal e não-verbal no processo de liberdade interpretativa propostos na obra em seus silêncios.

O cenário é Angola, mas precisamente Luanda, onde a narrativa se passa e que neste trabalho será foco de análise por trazer nela as evidências das mazelas e dos processos de luta e reconstrução de uma nova identidade angolana. Luanda é também o berço de Ondjaki, do qual faremos aqui uma abordagem voltada a sua obra anteriormente citada em que apresenta cenários de sua infância e juventude, marcadas no período final da guerra civil angolana, que através desse romance será lembrado. Este cenário será compreendido nas relações que são travadas no decorrer do romance através dos traços de memória implícitos na obra, a exemplo da avó Dezanove e o do Cinema Bu, dentre outras, com o objetivo de identificar a

presença do que não é perceptível nesse gênero pelo viés da narrativa e estabelecer o que intrinsecamente está ligado e escapa na leitura desta.

Para tanto, objetivando a realização e compreensão deste trabalho, no segundo capítulo intitulado “*A luz faltou de repente: memória e espaço*”, abordaremos a memória como ferramenta no processo de formação de identidade a fim de estabelecer sua definição e aplicação, além de apresentarmos o espaço angolano como um terreno de possibilidades e transformações para compreendermos Angola, pós independência e sua importância para os registros de memória.

No terceiro capítulo, “*Na contraluz de um luar minguante: surge uma escuridão bonita*”, apresentaremos o autor angolano, Ondjaki, o aspecto lírico de sua escrita, sua contribuição significativa para a consolidação do romance angolano, principalmente entre os espaços de guerra e de literatura para então conhecermos a obra “Uma escuridão bonita” e as marcas de memória e identidade presentes nela.

Enfim, o quarto e último capítulo, “*Noite de uma bendita, bonita, falta de luz: análise de alguns elementos que marcaram a obra*”, conheceremos as memórias e os contrastes que marcam uma escuridão bonita. Neste capítulo, veremos como circunda intrinsecamente o discurso narrativo, através de uma análise das memórias através dos espaços contida no romance e buscaremos apresentar através desses espaços, da escuridão, da personagem avó Dezanove e o segredo soviético, do Cinema Bu e do romance e o beijo, verificar como estes elementos marcam sua posição dentro da narrativa para gerar novos signos e significados através da imaginação e das relações com fatos passados.

Em síntese, compreenderemos os sinais evidentes de resistência e emergência de uma nova identidade na narrativa de Ondjaki para com a cultura universal numa dinâmica criativa. Para tanto, a fim delimitar os elementos que compõe este trabalho, pelas relações que são travadas, os lugares de memória, relações sociais e significação de espaços, aqui teremos a contribuição de alguns estudiosos, mas principalmente, as contribuições de Rita Chaves (1999; 2005), Tânia Macêdo (2007), Thomas Bonnici (2009) e Maurice Halbwachs (1990).

Contudo, esperamos com este trabalho, enfatizar o poder da Literatura como fonte de memória, de expressão, registro e referência na consolidação de identidade(s), sobretudo, contribuir sobre as literaturas africanas. que nesta obra é projetada pela reconstrução memorialista.

2 A LUZ FALTOU DE REPENTE: MEMÓRIA E ESPAÇO

2.1 A memória como ferramenta no processo de formação de identidade

Inúmeras questões conflituosas de caráter sócio político marcaram o século XX. Nesse sentido, a Ásia e a África são exemplos de regiões controladas pelo poder político e econômico. A busca por mudanças nessas regiões foi caracterizada por lutas e resistências, logo, as resistências desse cenário foram através das produções literárias revelando ao mundo evidências do processo de conscientização desses povos.

Frente a tais questões temos o pós-colonialismo que aborda as questões atuais de um país, nesse sentido, a ideologia marca como um processo de reconhecimento e tomada de decisão principalmente das massas contra a classe dominante. Esse reconhecimento se projeta através da cultura, de modo que representa as experiências e diferenças de um povo.

Diante de tais constatações, alguns aspectos no contexto literário pós-colonial são marcantes a exemplo de aproximadamente cinco séculos Angola que era colônia de Portugal, manter-se sob os comandos dela. Mesmo conseguido sua independência em 1975 permaneceu em conflitos, guerras civis. Sob o domínio capitalista de que viverá como colônia, Angola padeceu, ficou marcada pela violência, pelo preconceito e silenciada.

Eis que a voz de resistência começou a ser evocado e logo as primeiras manifestações começam a surgir. A publicação literária buscou livrar da opressão aqueles que não tinham voz, pois enunciavam críticas ao colonialismo, trouxeram à tona várias questões e buscou num processo de formação fazer uma ressignificação de uma identidade que se encontra fragmentada.

Nesse sentido, a resistência discursiva é que possibilitou a valorização do contexto local através da palavra. Para Bonnici:

A resistência discursiva é a maneira encontrada para tentar reverter a situação causada pela colonização. É através da resistência que os sujeitos colonizados buscam quebrar a perpetuação de um pensamento que se baseia no binarismo para construir a realidade social, cultural e política dos países dominados. Através do revide, o sujeito colonizado busca recuperar sua voz e revelar a não-conformação às imposições do colonialismo. (BONNICI, 2009, p.222)

Muitas vezes buscar compreender o passado para entender o presente é um caminho a seguir, logo compreendemos essa colocação quando fazemos uso da memória como fonte de pesquisa, mesmo que seja preciso passar por desconfortos que é o caso de guerras, ditaduras, entre outras. Tornando assim uma fonte documental abstrata do passado, um meio útil de busca pela identidade.

Nesse contexto, a luz dos estudos culturais, podemos citar Angola, sua descolonização e conseqüentemente a sua reconstrução física, estrutural e angolana. Para tanto, temos ferramentas importantes como a oralidade, a música, a poesia, entre outros gêneros que deixado pelos mais velhos são ressignificados e logo, fazem parte da memória através nas tradições angolanas aqui em destaque.

Nesse momento, é essencial a retomada da memória, da sua importância histórica, da própria noção de como se forma essa memória e, contudo, da compilação com que os fatos que marcaram um tempo, uma época, marcam uma história. Percebemos, portanto, uma memória histórica que parte da individual e da coletiva para dá sentido ao próprio meio, ou seja, formarão a base de construção da identidade.

Para ajudar nesse contexto de pós-independência por qual passou Angola, a memória foi essencial para compreender o processo de formação angolana e conseqüentemente a reconstrução de sua identidade. Atrelada a esta noção de se fazer memória, Halbwachs nos diz que:

A história, sem dúvida, é a compilação dos fatos que ocuparam o maior espaço na memória dos homens. Mas lidos em livros, ensinados e aprendidos nas escolas, os acontecimentos passados são escolhidos, aproximados e classificados conforme as necessidades ou regras que não se impunham aos círculos de homens que deles guardavam por muito tempo a lembrança viva. (HALBWACHS, 1990, p.80)

Nesse sentido, reestruturar o que está fragmentado requer um resgate de memória, ou seja, voltar ao passado para encontrarmos a saída. Para tanto, é preciso compreender que não é de qualquer memória que precisamos resgatar, mas a final, o que é memória? Diante do contexto em questão, podemos dizer que é a capacidade de lembrar situações vividas ou ainda guardadas quando se ouve de alguém. É ressignificar lembranças.

Compreender esse conceito é essencial, pois partindo desse pressuposto, percebemos um dualismo entre o que é individual e o que é coletivo a que está vinculada a memória. Quando recorremos as nossas lembranças, percebemos de imediato um coletivo de expressões que elas nos apresentam, isto porque, segundo o modo que vivemos, nossas lembranças se transformam, mesmo sendo uma lembrança individual, pois em sua essência ela é também coletiva.

De forma organizada, podemos dizer que esse dualismo que a memória possui tem um ponto em comum, tanto a memória individual como a coletiva tem no centro um indivíduo e este participa mesmo que de formas diferentes. Na primeira faz-se uma seleção de fatos e lembranças que se tem interesse, delimita tempo e espaço, já a outra, a coletiva envolve com a anterior, mas não se evolve com ela. Há ainda uma questão pertinente, enquanto ferramenta promotora de identidade, a memória tem validade.

Nesse sentido, podemos dizer que ela direciona, define, mas também representa e anula, assim somos o que lembramos, somos a nossa memória. Para tanto, a memória é fundamental na construção de identidade não somente pelo fato de como ela é construída, mas vale ressaltar a dificuldade de se construir esta e do que ela poderá trazer para o indivíduo nos dias atuais, assim, nesse processo, a memória é um instrumento poderoso.

Mas há ainda um terceiro tipo de memória, a memória histórica, afirmado pelo sociólogo Halbwachs. Para ele, essa memória faz uma reconstrução com a visão do presente sobre o passado e que esta decorre das duas primeiras. Assim, estão todas interligadas e parafraseando, Halbwachs (1990, p.80), nos diz que uma semente precisa germinar (memória individual), mas para que isso aconteça é preciso que contenha os nutrientes necessários (memória coletiva), porém, se esta semente não estiver num meio propício, não germinará, dessa forma, é necessário voltar onde foi fornecida a semente (memória histórica).

Percebemos aqui que as lembranças colhidas em cada memória não são originais, pois não parte de um único indivíduo, elas são emprestadas de um coletivo que juntas formam os acontecimentos históricos e, portanto, ficarão armazenadas para serem lembradas. Mensuramos então, a importância mais uma vez das memórias (individual, coletiva e histórica) para compreendermos o meio.

Assim, vemos uma necessidade de se fazer história, de nos encontrarmos em alguma história contada, resgatada, escrita, sem esperar por um futuro tardio ou um

passado longínquo. Essa busca deve ser necessária, pois como tido, a memória tem validade e não se pode busca-la somente quando há ameaça de perda, ela deve ser uma construção histórica através do resgate, tradições e da necessidade de manter vivas as lembranças antigas.

Diante do exposto, não podemos deixar de perceber, certamente, que fatos podem ficar no esquecimento e a necessidade de lembrar é o que faz buscar pela memória. Daí, destacamos a importância da oralidade para o processo da escrita mesmo que algo fique perdido, dos monumentos, esculturas, dos lugares que marcam sua fixação, da memória nacional guardada nessa e em outras manifestações como é o caso das comemorações, atos ou até feriados de diversos motivos que celebram e impulsionam uma identidade e sua formação.

Mas onde buscar de fato, por estas memórias? Esta é uma questão também a ser pensada, analisada, pois falamos de memória, mas muitas vezes não consideramos o seu lugar de armazenamento. Hoje temos um aparato gigantesco de armazenamento e na busca desenfreada por tecnologia esse armazenamento se dá de diversas formas e infelizmente vulneráveis as lembranças e propícias ao esquecimento. Assim, essa fragmentação do sujeito contemporâneo acaba sendo um empecilho para a memória, na busca e registro, tornando esta como um produto.

Tão ausentes quanto necessárias, a memória como fonte documental, histórica ou simplesmente na busca de encontrar algo frente ao passado, é uma ferramenta de formação de identidade para o sujeito contemporânea e pós-moderno.

2.2 O espaço angolano: terreno de possibilidades e transformações

Angola que era colônia de Portugal e em 11 de novembro de 1975 conseguiu sua independência, procurou consolidar-se como nação livre. Resistiu ao que viveu e sofreu no domínio capitalista, mas foi no século XX através de textos literários que ganhou voz através de intelectuais e estudantes contrários ao colonialismo e que numa luta letrada e com o objetivo de romper o tradicionalismo cultural, formaram em 1948 o movimento “Vamos descobrir Angola”. Esse foi ápice para o surgimento no cenário angolano de vários nomes na literatura, de vários movimentos organizados como o MPLA (Movimento para a Libertação de Angola), a FNLA

(Frente Nacional para a Libertação de Angola) e a UNITA (União Nacional para a Independência de Angola).

Nesse contexto, foi que em novembro de 1975, o líder do MPLA, Agostinho Neto, mesmo com os conflitos internos entre MPLA e UNITA, anunciou em Luanda a independência de Angola. E foi às manifestações literárias, a história de luta, a marca principal deixada para uma nação, foi a oralidade e sua manifestação que marcou mesmo com a imposição da Língua Portuguesa, a escrita como luta e resistência e isso segundo (MACEDO E CHAVES, 2007, p. 24) “advém de uma postura do sujeito da enunciação que, não raro, se coloca na perspectiva de um griot (contador de história) da atualidade”.

Contribuindo, Fonseca & Moreira, nos fala sobre o momento em que se consolida a independência nacional e a individualidade plena do escritor africano.

Este período corresponde à fase histórica de independência nacional, quando se dá a reconstituição da individualidade plena do escritor africano: é o momento da produção do texto em liberdade, da criatividade e do aparecimento de outros temas, como o do mestiço, o da identificação com África, o do orgulho conquistado. (FONSECA & MOREIRA, 2007, p.2)

Inúmeros enfoques são possíveis quando observamos o contexto literário angolano e seus aspectos marcantes, e de certo modo, é inevitável falarmos de literatura angolana sem mencionar as guerras, conflitos que a marcaram e que em suma está ligada a história desse país.

Segundo Chaves,

A guerra cruel, estendendo-se por quase duas décadas após a conquista da independência, indica que a máquina colonial deixou um legado desgraçadamente fecundo a despeito do sentimento de resistência tão marcante na história dos povos que compõem o país. A manutenção dos conflitos, de variadas ordens e alimentados por interesses de muitas naturezas, reflete, sem dúvida, a pluralidade e a profundidade dos problemas enfrentados no movimento de construção do estado angolano e da afirmação de uma sociedade cujo perfil se marca fundamentalmente pelo signo da crise, como nos demonstram as discussões elaboradas em torno dos temas da identidade colonial e da formação da nacionalidade. (CHAVES, 1999, p. 30)

Nesse sentido, os textos literários representam a expressão da realidade como a angolana, as suas características e ainda a afirmação de sua identidade na construção de seu espaço nacional, assim, marcam e definem episódios da história do país. Sobre a literatura angolana, o escritor Fernando Costa Andrade, afirma que:

(...) nasce no centro de uma dramática realidade: o choque diário e violento de dois grupos profundamente antagônicos: colonizados e colonizadores. Trata-se de uma literatura que tem vincadas as características da clandestinidade através dum simbolismo procurado, ou duma linguagem directa ao leitor imediato, mensagem e apelo, palavra de ordem e consciencialização. (ANDRADE, 1980, p.45).

Sob esses fatores, a produção literária vai se delineando, tomando força, forma e volume. O nacionalismo angolano é potencializado e intimamente ligado, está à história e a literatura angolana, possibilitado através de narrativas angolanas e de diferentes gerações, a história de Angola.

Sobre a literatura angolana, (CHAVES, 2005, p.49) contribui dizendo que “a noção de passado aparecerá também na ligação com a infância, fase da vida em que o desenho da exclusão social se revela atenuado” e Tânia Macêdo acrescenta:

Se a cidade de Luanda é o espaço privilegiado trilhado pela maioria dos textos ficcionais angolanos no pré e pós-independência, talvez poucas personagens possam exemplificar as transformações pelas quais passou o país e a literatura de Angola nos últimos cinquenta anos como as infantis, na medida em que as várias denominações que elas recebem são o indício dessas modificações, assim como a sua configuração, que indica novas formas de narrar. (MACÊDO, 2007, p.358).

Em primeiro plano, podemos dizer que a literatura angolana busca entender os elementos de sua formação. Nessa busca, considerando a teoria pós-colonial, a partir dos elementos linguístico-culturais, tem-se na literatura infantil a possibilidade de nela encontrar evidências de resistência sob um novo olhar e com novas perspectivas.

No que concerne a Angola pós-independência, a literatura infantil é antes de tudo, literatura e pressupõe arte, beleza e deleite, não somente por ser esse gênero infantil assim adjetivado. Mas porque a gênese da literatura infantil não pode estar

dissociada da história de Angola nem muito menos da literatura angolana, pois tem uma função estética-educativa que muito contribui.

Quando se trata de escrever para crianças ou adolescentes, como Ondjaki em “Uma escuridão bonita”, por exemplo, tem-se a obrigação de escrever o melhor possível, contrariamente, quando se trata de literatura para adultos, já que para estes há ou não uma apreciação crítica. Dessa forma, a escrita para crianças e adolescentes, ou seja, a escrita de uma literatura infanto-juvenil requer cuidado e atenção, principalmente quando nessa escrita se aborda questões de penúrias, de conflitos, de guerras, principalmente, quando apresenta linguagem, ilustrações fantasiosas e imaginativas.

Para tanto, é interessante ter bastante perspicácia na elaboração do texto de maneira que a criança continue a imaginar, sonhar e perceber que no caminho da vida existe dor e que esta pode florescer em algo positivo, algo belo. Nesse sentido, o escritor não pode se distanciar do seu principal destinatário, a criança.

Contudo, a literatura infantil tem uma importante tarefa como agente de mudança quando ela permite conscientizar o sujeito, quando contribui na compreensão dos aspectos culturais de sua comunidade, do seu país e principalmente quando constitui o sujeito como comunidade em que intrinsecamente está ligado os aspectos sociais, econômicos, culturais dentre outros, além de construir maneiras de desenhar os sonhos e ideias para uma nova geração sem negar a história passada do seu povo.

De modo que a valorização e o resgate das ações de uma nação são pertinentes quando tem em foco a resistência. A voz angolana se fez inúmeras vezes se ouvir pelo discurso literário e essa foi à resistência que a nação angolana encontrou para romper com as amarras que emudeceram por tanto tempo.

O amparo dado pela memória através da literatura, por exemplo, também contribuiu para o amadurecimento de Angola, pois embasados na diferença entre colonizador e colonizado, compreenderam e reconheceram o jogo de poder que prevalecia. As transformações políticas e ideológicas foram essenciais nesse sentido, revelando o processo de formação da nação.

3 NA CONTRALUZ DE UM LUAR MINGUANTE: SURGE UMA ESCURIDÃO BONITA

3.1 Situando Ondjaki entre os espaços de guerra e de literatura

Somente em 2002 quando cessam os conflitos em Angola é que as produções literárias ganham maior espaço no mercado editorial e “filhos da independência” surgem como novos autores e começam a produzir, como é o caso de Ondjaki.



Foto retirada do Portal do Governo do Estado de São Paulo. Disponível em: <https://premiosapaulodeliteratura.org.br/blog/ondjaki-vai-lancar-dois-livros-este-ano/>, Acesso: 10/11/2018.

O angolano Ndalú de Almeida, nascido em 05 de julho de 1977, em Luanda, é um escritor (poeta e prosador), sociólogo pelo ISCT (Instituto Universitário de Lisboa) em Portugal, é roteirista e membro da União dos Escritores Angolanos.

Seu pseudônimo é Ondjaki, nome em Umbundo, uma das línguas nacionais angolanas que significa “guerreiro” que ao registrar as histórias de uma Angola nova, já prediz sua missão e que já são refletidas e colhidas nos bons resultados que vem apresentando com o seu trabalho.

Ondjaki é um jovem escritor, seu trabalho contabiliza desde contos, poesia, romance, literatura infantil, peças de teatro e filmes, além de permear entre as artes plásticas com exposições em Angola e no Brasil. É vencedor de vários prêmios literários e dos quais se tornou conhecido internacionalmente, entre eles o Prêmio Jabuti (prêmio brasileiro) em 2010 com o romance “*AvóDezanove e o segredo*”

soviético”, o Prêmio Literário José Saramago em 2013 e recentemente o Prêmio Littérature-Monde (2016) com o romance “Os Transparentes” e o Grande Prêmio APE com o livro de contos “Os da minha rua”.

É em plena Guerra Civil Angolana (1975-2002) que Ondjaki nasce e é nesse contexto, que vive seu tempo de infância. Vivenciou a pós-independência, conheceu importantes autores e, portanto, foi influenciado diante de uma literatura engajada e crítica. Em 2000 publicou seu primeiro livro “Actu Sanguíneo” (poesia) e daí então, se destacou com diversas obras literárias.

Com apenas 24 anos ganha destaque no cenário literário, principalmente infantil do qual transita e tem grande reconhecimento. Em suas obras, ele aborda evidências da guerra e da vida em Luanda. Encontra na literatura, a exemplo da obra “Uma escuridão bonita” (2013), através da contraluz de um luar minguante, ou seja, do lado sombrio e escuro, abordar de forma lúdica e esperançosa seus personagens, apresentar e fazer descobertas de histórias para a nossa vida. E de forma sutil, apresenta vivências, experiências e práticas sociais dos quais se decorrem na narrativa e que fazem parte de sua história, e portanto, nesse contexto vai tecendo sua biografia.

Nesse sentido, ao tempo que mostra em suas obras uma visão realista e pragmática, ele também busca formar um leitor crítico, pois tenta se reerguer em meio ao caos com relatos convincentes e fundamentais para seu contexto, dando testemunho de mudanças e esperanças em meio a vivências de uma guerra civil.

Por tal motivo é que Ndalu de Almeida (Ondjaki) torna-se uma das maiores figuras da literatura angolana e africana de língua portuguesa com publicações e traduções de suas obras em diversos países. A consolidação do romance angolano é por ele consolidado e expresso na construção da identidade.

Para Bonnici,

Em nível cultural, uma das estratégias que os povos colonizados têm para reconstruir a identidade consiste no domínio da produção inventada pelo colonizador, ou seja, a escrita, a publicação, a propaganda, a produção de livros, a recepção pelos leitores, e outros fatores. (BONNICI, 2009, p. 47)

A literatura pós-colonial tem em sua origem, os aspectos de resistência de um povo que busca diversas estratégias, para se afirmar e o escritor legitima esses aspectos através, principalmente, das diferenças culturais intrínsecas, os meios

acima citados por Bonnici, só vem afirmar ainda mais as formas de reconstrução da identidade nas produções.

Angola registra atos de repressão policial a cidadãos que protestam contra as injustiças sociais, contra a população que reage em função de suas insatisfações e por uma melhor distribuição de riqueza. Ondjaki como escritor angolano que é procura em suas obras defender e buscar mais respeito pelo direito de manifestação em seu país e é o que norteiam suas obras.

Essas evidências de resistência são exatamente pelo viés dos estudos pós-coloniais apresentadas e manifestadas que compreendemos os elementos estruturais das narrativas, pois surgem como uma corrente crítica que busca na perspectiva política, econômica e ainda cultural, verificar as influências do colonizador. E é por meio da literatura que essas perspectivas esperadas, se manifestam em representações linguístico-culturais.

3.2 Uma escuridão bonita: uma obra marcada com memórias e identidade

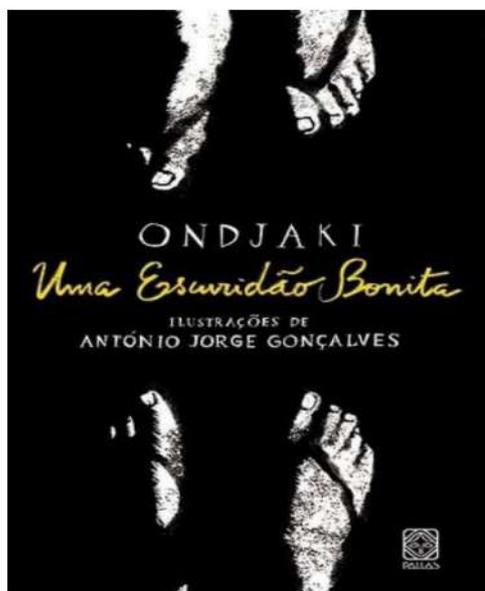


Imagem retirada do Blog Miúda. Disponível em:
< <https://www.miudabooks.co.uk/blogs/news/um-livro-por-dia-uma-escuridao-bonita>>.
Acesso: 10/11/2018.

A obra “Uma escuridão bonita” de 2013, é um romance infanto-juvenil escrito por Ondjaki e editado pela editora Pallas. Com cento e cinco páginas e belíssimas

ilustrações trazidas por António Jorge Gonçalves em preto e branco que coadunam com a leitura das palavras, formam um texto verbal em simbiose com o não-verbal, gerando um livro que brinca com os sentidos. A variação de tais cores acontece nas ilustrações, essa nos leva através da visão e do tato a uma leitura imagética e mexe com nossa mente. É importante aqui, verificar a constituição do objeto literário ao público infanto-juvenil, qualificado a apresentar as manifestações e produções que nele notadamente constitui.

Instâncias legitimadora, seja social, editorial, de mercado ou acadêmica, reconhecem a literatura infanto-juvenil e permitem sua circulação e consumo como fonte de matéria prima, modalidade e gênero por propiciar ao seu público e/ou a qualquer leitor, o reconhecimento e superação de momentos cruciais da existência. Essa legitimação tem ainda no caráter artístico, as respostas na confluência dos elementos no qual se insere a produção.

Caracterizado pelas disparidades econômicas, em Luanda é presente uma realidade difícil, com estrutura física e necessidades básicas deficientes, assim como nas favelas e pequenas cidades do nosso país, o Brasil, e nesse sentido, a narrativa se inicia no escuro com a falta de energia elétrica na cidade.

Decorrente da deficiência anteriormente citada, a falta de luz elétrica é como a falta de outras questões básicas, a exemplo de saneamento e água tratada que aqui podemos mencionar sem qualquer problema, pois é fato e das quais também são presentes na nossa realidade brasileira.



Imagem retirada do Blog Claro como a água. Disponível em:
< <https://clarocomoaagua.blogspot.pt/opiniao-uma-escuridao-bonita-46017>>.
Acesso: 10/11/2018.

É neste cenário que a narrativa inicia, “nessa escuridão de melodia doce ou silêncio quente, entre zumbidos de mosquitos e o cheiro dos fósforos a acender a

primeira vela dentro de casa” (ONDJAKI, 2013, p.13) que o narrador e personagem principal da obra toma a coragem e fala do quanto às pessoas são tão bonitas para a sua ouvinte. Esta ouve, mas nada responde, e numa travessia de escuridão e cheiros, ele a observa. Como num gesto de ternura, ela o acaricia com as mãos, uma expressão que falou mais que palavras.

Na ausência da proximidade de como queria está, continuou a falar.

- Achas que pode caber o quê no coração das pessoas?
- Muitas coisas. Um poema, uma recordação, um cheiro de infância, um <<desejo de estrelas>>...
- Como é um <<desejo de estrelas>>?
- É olhar para uma estrela e desejar uma coisa.
- Ainda deseja lá uma coisa para eu ouvir.
- Desejo que o meu pai não tivesse morrido na guerra.
- E eu desejo que os homens nunca mais inventem guerras novas.
- Como se o saco das guerras estivesse vazio?
- Como se estivessem perdido o saco das guerras. (ONDJAKI, 2013, p. 22)

Esse prolongamento discursivo entre os personagens, parte essencialmente da experiência de guerra, principalmente sobre a situação humana de uma criança nessa experiência, considerando que muitas já não têm mais pai, como também da capacidade de sonhar e de amar, de ver nas estrelas uma realidade sem guerras e, portanto, nessa ligação imagética, inspirar a buscar os desejos.

Sob o olhar atento de Ondjaki, as páginas da narrativa unem uma série de denúncias e conflitos de uma Angola ainda assolada pela guerra civil. De fato, Luanda, cenário onde a história se passa, é muito representativa e isso marca a infância e adolescência do autor, já que é dois anos mais jovem, do que a independência de Angola.

A organização literária na obra em pauta considera a presença de um narrador e deste podemos fazer as narrativas memorialistas que procura apresentar como escritor de resistência. Na obra, dividido entre a tradição particular e a universal, o narrador-protagonista revela traços que configuram a alta condensação imagética da narrativa, como por exemplo, quando estabelece relação entre os personagens e o ambiente:

Às vezes é bom estarmos numa escuridão sozinha, de gruta e conforto, como se o nosso mundo, por alguns instantes, pudesse ser assim – sem tom de cor nem distração de forma. É bom dividir uma

escuridão com outra pessoa, em concha e aconchego, como se dois mundos, nessas gotas de negrume, fossem um só. (ONDJAKI, 2013, p. 25)

Já habituados com o escuro e com o silêncio que pairava, ele a observava na contraluz de um luar minguante e escutava o respirar dela. Ele sentia necessidade de estar mais próximo, quando de repente “Dá-me só um beijo...” (ONDJAKI, 2013, p. 31), ele pediu, mas ela não respondeu e novamente o silêncio paira. Passado alguns instantes, ela começa a contar um segredo. Ela fala do que acontece quando o silêncio chega e fica entre duas pessoas, logo, as mãos já estão ancoradas uma na outra.

Retornando a conversa, levada através da escuridão, ela tem um “desejo de estrela”, desejava ter um arco-íris de presença noturno e do tipo ponte, questionada porque, ela respondeu: “Para o outro mundo. E vice-versa. Para chamarmos quem tivesse partido ainda em hora de cá estar. Assim o teu pai podia voltar. E também as crianças de todas as guerras”. (ONDJAKI, 2013, p.42).

Essa era uma conversa sobre guerra que contrasta na escuridão de querer um “outro mundo” através do arco íris (ponte) e contrasta no romance entre eles, quando se quer trazer o pai do narrador e todas as crianças que morreram na guerra.

Magias de simplicidade brotaram a partir da conversa, os olhos de ambos se fecharam e um beijo quase aconteceu. Na travessia dos lábios dela, a avó do narrador surge e interrompe. Essa relação romântica parece acontecer num espaço como um cortiço, uma realidade múltipla de um país subdesenvolvido. Eis então que, ela querendo se certificar que a vó do narrador chamava-se Dezanove, surge uma estória do porque desse nome. A estória parte da quantidade de dedos que temos e daí a quantidade que a avó tinha. Para tanto, cabe nessa história, o soviético.

O narrador conta que a avó era viúva e certo dia apareceu-lhe um soviético que lhes trazia flores e muitas garrafas de vinho. Certo dia o soviético disse que ia embora e a que a avó tinha que ir junto, ela quase foi, mas mudou de ideia. O soviético ficou tão chateado que partiu todas as garrafas que a tinha presenteado e foi exatamente a última garrafa que ao escapar das mãos do soviético, caiu no pé da avó e cortou - lhe um dedo e assim ficou com dezenove dedos. Na verdade, essa foi uma estória inventada pelo narrador para manter-se junto da menina e conquista-la.

Nesse momento de conquista e nas condições propícias, o narrador faz uma rápida análise da localização de ambos na casa e percebeu que possivelmente estavam prestes a viverem uma noite de Cinema Bu. Enquanto esperava acontecer esse momento, o narrador lembra pra si mesmo de algo que a avó tinha falado sobre poesia, “a poesia não é chuva, é o barulho da chuva” (ONDJAKI, 2013, p.62) e mais uma vez se prolongaram numa conversa, dessa vez, sobre o barulho da chuva (algo pensado anteriormente) e que foi atrapalhado por um barulho de carro, sinal de que “o Cinema Bu estava quase a acontecer”. (ONDJAKI, 2013, p.67).

É importante mencionar e perceber o território que estão inseridos, para então, percebermos que este é caracterizado por espaços de disparidades e pluralidades, principalmente quando se trata do meio urbano. Luanda nesse contexto se mostra como um espaço de tradições e contrastes com a modernidade, vestígios deixado pelo colonizador e travado nas relações sociais e de classe. O território mostra ainda que o espaço é demarcado.

Essa demarcação ganha notoriedade quando na narrativa, o narrador aguarda ansioso pelo Cinema Bu e cinema nessa localização, ganha uma projeção de imposição, negação e resistência, pois é uma realidade que não faz parte do contexto na narrativa. De toda forma, o narrador aguardava ansioso pelo Cinema Bu e este não acontecia, pois o carro que passará não tinha luz suficiente para que a magia acontecesse. Novamente atrapalhados pela avó que pergunta “tudo bem aqui na varanda?” (ONDJAKI, 2013, p. 72) e logo regressa para dentro de casa com a vela.

Nessa passagem rápida, a menina aproveita e verifica o pé esquerdo da avó, os dois riram da situação e sem perceber se tocavam e como numa mágica, o Cinema Bu é estreado. “A coisa mais bonita do Cinema Bu é que cada um pode encontrar ali as memórias, os sonhos, e os futuros que mais deseja” (ONDJAKI, 2013, p. 82) e assim a parede da varanda da avó encheu-se de magia desenhadas por todo o silêncio em um rápido espaço de tempo logo foi retomado pela escuridão.

Passado a magia que os encantara, riram e daí o narrador resolveu contar a verdadeira estória do dedo da avó. Encantada, ela preferiu a primeira versão e assim continuaram numa conversa em que:

as vozes espalhavam barulhos nessa varanda onde primeiro só havia cheiros. Os barulhos esquecem-se rápido. Ainda bem que os

cheiros ficam bem presos na nossa memória das recordações. Eu acho que quando formos crescidos vamos gostar de reencontrar essas coisas do nosso antigamente. (ONDJAKI, 2013 p.91)

Nessa fala verificamos a menção da memória e a importância dela num encontro futuro, já quando adultos. Nesse sentido, a memória é fundamental na construção de identidade não somente pelo fato de como ela é construída, mas no sentido de ser um poderoso instrumento, como por exemplo, a memória histórica da identidade angolana mantendo-se viva a fim de construir o presente.

Na alegria que estavam e levados pela imaginação, a avó Dezanove tossi dentro de casa e no sopro, a vela se apaga. Encontram-se agora numa única escuridão, cenário perfeito para o que desejava a menina “empresta-me só os teus lábios”. (ONDJAKI, 2013, p. 99) para acontecer o tão esperado beijo e assim a escuridão ficou ainda mais bonita.

A obra é marcada pelo autor desde o início com a apresentação do cenário angolano na busca de levar ao leitor o conhecendo de sua nação, trazendo consigo a afirmação da independência de Angola. Concordando com Macedo & Chaves:

No momento em que á consciência de construção de um novo momento no qual o colonizado torna-se sujeito de sua própria história, a cultura toma novos rumos e um deles é buscar na oralidade as formas de superação dos impasses. Para tal, expõe no corpo dos textos a matéria híbrida de que se constitui e, então, a fala se orna escrita. E a escrita, a fala ritualizada no papel. (MACEDO & CHAVES, 2007, p.26)

Na obra, o romance vai acontecendo num processo de valorização de elementos da cultura local e torna-se essencial para o objetivo ao qual o autor pretende alcançar. Nesse sentido, “a identidade é um movimento em direção ao outro, um reconhecimento de si pelo outro pode ser a sociedade como a cultura”, (PIRES, 2002, p. 40), assim, os elementos simbólicos que aparecem na narrativa estão intrinsicamente ligados à missão do autor.

4 NOITE DUMA BENDITA, BONITA, FALTA DE LUZ: ANÁLISE DE ALGUNS ELEMENTOS QUE MARCAM A OBRA

4.1 Memórias e contrastes de uma escuridão bonita

Todos os povos buscam repassar aos seus antecedentes a sua história e dessa forma toda a humanidade. Para tanto, expressar uma cultura, uma identidade, os pensamentos, temos o registro escrito, as artes plásticas, mas é através da tradição oral, ou seja, da oralidade, a forma principal de nos expressarmos.

Partindo de Angola que neste trabalho é o cenário de pesquisa para então compreendermos a obra “Uma escuridão bonita” de Ondjaki em análise, não podemos pensar nela sem remeter a sua história marcada por guerra e massacre. Angola é um país de expressão de língua portuguesa, tem como capital Luanda cenário *in loco* já apresentado neste trabalho.

Angola após sua independência tinha a responsabilidade de expressar sua cultura e ideologia, de reconstruir novos objetivos e novas conquistas. Foi por meio das literaturas que essas mudanças puderam ocorrer. É nesse sentido que as memórias através dos espaços são na obra “Uma escuridão bonita” de Ondjaki reveladas e podemos conferir a intertextualidade que nela é presente, pois faz relação com pensamentos, imagens, estória e memória.

A história se passa em Luanda, cidade do autor (cidade muito representativa em suas obras) e da qual vamos conhecendo desde o início da narrativa marcada pela falta de luz elétrica. Assim, vamos dando conta dos contrastes sociais existenciais daquele momento e denunciados por Ondjaki, pois em suas obras, ele revela tantos outros problemas estruturais quanto o momento de transição pelo qual passava sua terra natal e isso faz com que em suas obras vá tecendo sua própria biografia.

A escuridão

“a luz faltou de repente” (ONDJAKI, 2013. p. 11)

Adentrando a narrativa, podemos dizer que o primeiro elemento que marca a obra, já mencionado anteriormente, é o escuro decorrente da falta da luz elétrica na cidade, “a luz faltou de repente” (ONDJAKI, 2013. p. 11). Essa falta de luz elétrica

provém da deficiência estrutural presente em Luanda naquele cenário, sem fazer menção a tantas outras questões básicas de que passava.



Imagem retirada do Blog Claro como a água. Disponível em:
< <https://clarocomoaagua.blogspot.pt/opiniao-uma-escuridao-bonita-46017>>.
Acesso: 10/11/2018.

Escuridão que inicia a história e encerra com a mesma. Podemos citar várias passagens que o autor faz lembrança da mesma:

“Nessa escuridão de melodia doce ou silencio quente [...]” (ONDJAKI, 2013, p. 13)

“Nessa ausência de luz [...] falta de luz.” (ONDJAKI, 2013, p. 16)

“[...] aquela nossa escuridão. [...] escuridão sozinha” (ONDJAKI, 2013, p. 25)

“O silencio fica nítido na ausência da luz.” (ONDJAKI, 2013, p. 28)

“[...] sem a luz que faltou [...]” (ONDJAKI, 2013, p. 44)

“A luz ainda não voltou, temos tempo.” (ONDJAKI, 2013, p. 51)

“A falta de luz também inventava mais tempo” (ONDJAKI, 2013, p. 53)

“[...] no nosso escuro repartido[...].” (ONDJAKI, 2013, p. 85)

Nessa escuridão, surge à possibilidade de sonhar, mas também surge a presença da guerra e do conflito que é narrado não somente quando faz menção, por exemplo, sonhar mesmo para uma criança que perdeu seu pai, mas sim de se fazer latente a visão de mundo.

- Os desejos de estrelas podem ser falados?
- Sim. Sentes um?
- Mas não é um fácil. Desejava um arco-íris mesmo agora.
- No céu escuro ninguém consegue desenhar um arco-íris.

— Eu acho que os anjos que roubam vozes conseguem... Eu queria um arco-íris, de presença bem noturna, tipo uma ponte.

— Uma ponte?

— Para o outro mundo. E vice-versa. Para chamarmos quem tivesse partido ainda em hora de cá estar. Assim o teu pai podia voltar. E também as crianças de todas as guerras (ONDJAKI, 2013, p.42).

Avó Dezanove e o segredo soviético

"[...] sim, um dedo do pé esquerdo. Ela ficou só com dezanove dedos" (ONDJAKI, 2013, p. 55)

O segundo elemento é a Avó Dezanove e o segredo soviético. A avó do jovem, conhecida por Dezanove é caracterizada na obra pela perda de um dos dedos do pé esquerdo, "[...] sim, um dedo do pé esquerdo. Ela ficou só com dezanove dedos" (ONDJAKI, 2013, p. 55), após um acidente causado por seu companheiro, um soviético, que não aceitou bem o fim do relacionamento e partiu todas as garrafas que a tinha presenteado e exatamente a última garrafa, ao escapar de suas mãos, caiu no pé da avó e cortou - lhe um dedo e assim ficou com dezanove dedos.



— Tudo bem aqui na varanda? — falou a minha avó,
já de regresso, levando a vela para dentro de casa.

Imagem retirada do Blog António Jorge Gonçalves. Disponível em:
< <http://www.antoniojorgegoncalves.com/archives/3381> >.
Acesso: 10/11/2018.

Essa é uma estória inventada pelo narrador para que na situação de escuridão, silêncio e pouca conversa com a jovem, pudesse entrosar-se, criando uma posição confortável com a mesma ao tempo que dava ao fato e a situação do

casal, maior contato físico. Nesse sentido, a relação entre texto e a extensão do corpo são ampliadas pelo cheiro do cabelo da jovem, o ouvir do respirar, o toque das mãos, entre outras.

A relação entre a Avó Dezanove e o segredo soviético demonstra intrinsecamente as mudanças que ocorriam em Luanda. Demostram os contrastes entre colonização *versus* independência, identidade *versus* diferença, modernidade *versus* tradição que o país enfrentava, bem como, a mudança de governo, de cultura e o mais importante, da memória de Luanda. Ondjaki situa bem essa relação em 2008 quando publica o romance “Avó Dezanove e o segredo soviético”, do qual lhe rende diversos prêmios.

A Avó Dezanove representa a tradição oral através da memória mítica “Um dia perguntaram a minha avó Dezanove o que era a poesia. Primeiro ela ficou muito tempo calada, então pensaram que ela não tinha resposta. Mas ela depois falou: a poesia não é a chuva, é o barulho da chuva” (ONDJAKI, 2013, p.62), ela é presença recorrente e importante como tantas outras avós para a tradição oral com o povo angolano.

A fantasia do Cinema Bu

“Ela não sabia, mas quando um carro fizesse aquela curva, na parede branca íamos ter Cinema Bu.”
(ONDJAKI, 2013, p. 58)

A memória do autor em certos detalhes, sua memória individual, é percebida e armazenada como forma de preservar as estórias diversas que fazem parte de uma memória coletiva de seus contadores, de um povo, de um lugar.

Dessa forma é a projeção que se faz no terceiro elemento da obra, a fantasia do Cinema Bu. Caracterizado pelo reflexo das luzes dos faróis dos carros na parede branca na varanda da Avó Dezanove que se assim acontecesse, era certa a magia desenhada no silêncio de um rápido espaço de tempo tomado pela escuridão.

Atrás de nós havia um jardim com flores, com uma goiabeira e muitos arbustos. Lá longe, fora do quintal, havia uma curva onde passavam poucos carros. Ela não sabia, mas quando um carro fizesse aquela curva, na parede branca íamos ter Cinema Bu.”
(ONDJAKI, 2013, p. 58)

A linguagem expressa através da escrita e imagens como se espera acontecer com o Cinema Bu, é a expressão de memória caracterizada pelo armazenamento, um mecanismo possível para gerar novos signos e significados através de fatos passados e de construções mentais com a ajuda da imaginação.



Imagens retirada do Blog Miúda. Disponível em:
 < <https://www.miudabooks.co.uk/blogs/news/um-livro-por-dia-uma-escuridao-bonita> >.
 Acesso: 10/11/2018.

Dependendo da leitura e projeção que se possa fazer desse elemento, Cinema Bu, há contida nele uma imposição, negação e resistência do que conhecemos como lazer. O cinema nessa realidade, assim como em outros contextos é uma imposição. Na realidade, a situação a que Luanda enfrentava, comprar o lazer dificilmente fazia parte do seu contexto, pois com uma realidade de pós independência, era quase impossível conseguir o lazer de curtir de fato um cinema.

Ondjaki deixa claro na narrativa um pouco dessas dificuldades quando relaciona a qualidade de um carro com a condição de viver a experiência de um cinema:

Mas era um carro sem faróis acesos, e esses carros são inimigos do nosso cinema pobre. Assim o Cinema Bu não funciona. O carro fez a curva com uma velocidade boa, mas com as luzes completamente apagadas, nem já os faróis mínimos para aquecer a tela. (ONDJAKI, 2013, p.71)

Por outro lado, visivelmente o processo de mercantilização deste tipo de lazer, por exemplo, não faz parte da rotina das crianças e isso se encontra na

simplicidade com que a imaginação constrói as imagens. “A coisa mais bonita do Cinema Bu é que cada um pode encontrar ali as memórias, os sonhos, e os futuros que mais deseja”. (ONDJAKI, 2013, p. 82) e assim passava a magia que os encantara e a memorização de cada uma delas.

Faz parte desse elemento, outro, a memória. É através dela que a construção imagética traz à tona elementos vivenciados. A memória é o instrumento das narrativas imagéticas, principalmente, e de que dependem os discursos.

“O carro fez a curva devagar, as sombras das árvores, dos morcegos, as nossas próprias sombras mais a sombra da mão dela a mexer no cabelo, tudo ganhou nova dimensão projetada na parede” (ONDJAKI, 2013, p. 83) esse contexto, permite como em uma poesia de luz e sombra, dois jovens se enamorarem. Essa projeção do Cinema Bu contribui também na possibilidade de expressão do pensamento, busca gerar novos signos e significados.

O romance e o beijo de uma escuridão bonita

“Empresta-me só os teus lábios” (ONDJAKI, 2013 p. 83)



Imagem retirada do Blog Miúda. Disponível em:
< <https://www.miudabooks.co.uk/blogs/news/um-livro-por-dia-uma-escuridao-bonita>>.
Acesso: 10/11/2018.

“Empresta-me só os teus lábios” (ONDJAKI, 2013 p. 83), assim chegamos ao quarto e último elemento, o romance e o beijo de uma escuridão bonita. A obra em si trata-se de um romance entre dois adolescentes diante de uma escuridão pela falta de energia elétrica, após silêncios, troca de olhares, toque de mão, conversa e

a magia de um Cinema Bu, acontece um beijo, “Era um beijo num baile solto de línguas, coqueiros que dançavam no vai-e-vir das ondas com algas bonitas e o mar em nós também. Um beijo todo salgado, sem nenhuma palavra de explicação” (ONDJAKI, 2013 p. 102).

O beijo que tanto foi aguardado por ambos, leva o narrador a acreditar que dentro deles “havia um cheiro de terra depois de chover” (ONDJAKI, 2013 p. 103). Nesse sentido, observamos a evocação que a narrativa dá ao símbolo da fertilidade, a terra. Logo, por se tratar de dois jovens, remete essa simbologia ao conhecimento do corpo, da vida, dos sentimentos, da fertilidade, do sexo e porque não dizer da reprodução, visto que, após a água em contato com a terra, há a esperança desta.

É perceptível na narrativa que sempre quando se trata do romance, há algumas páginas sem textos verbais, compreendemos nesse sentido, a função das ilustrações da obra bem como a imagética e conseqüentemente a combinação das cores e os traços de luz que nos diz algo que não está escrito, mas que é sentido. A imagética é presente também, como por exemplo, nas duas páginas após o pedido do beijo pela jovem, levando-nos nesse espaço de tempo a imaginarmos pela falta de texto verbal a pensar na sincronia dos corpos para que se cumpra o que de fato aconteceu.

E para encerrar esse momento de luz após o beijo, o narrador é questionado pela jovem “- Porquê que inventas estórias?” (ONDJAKI, 2013 p. 104), ele seduzido e envolto de emoção responde com o título do livro “— Pra nossa escuridão ficar mais bonita”. (ONDJAKI, 2013 p. 104).



Imagem retirada do Blog Miúda. Disponível em:

< <https://www.miudabooks.co.uk/blogs/news/um-livro-por-dia-uma-escuridao-bonita>>.

Acesso: 10/11/2018.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos apontamentos feitos neste trabalho e considerando a fase de pós-independência de Angola marcado por conflitos, fragmentações e ambivalências, observamos no romance “Uma escuridão bonita” (2013), de Ondjaki, sua manifestação enquanto escritor que se coloca na história e principalmente como um narrador de memória, espécie de um “griô”, que busca afirmar os valores culturais angolanos e assume diante da narrativa resistência e responsabilidade.

Ambientado em seu espaço, Luanda, ele busca através de memórias, recuperar um tempo passado observando algumas questões como o período da guerra angolana, uma união bastante significativa. Nesse sentido, a identidade, a memória e o espaço compõem e configuram o sujeito angolano em seu processo de formação.

Compreendemos essa tríade na narrativa, quando fazemos a relação entre as estruturas verbais e as não verbais, quando levamos diretamente os elementos e a valorização de uma cultura que nesta obra trata-se do espaço angolano, a entender profundamente essas relações estruturais que estão intrinsecamente e simbioticamente relacionadas.

De forma subjetiva, pela literatura, a expressão e representação de uma realidade pós-guerra são nesta obra projetada pela reconstrução memorialista que denota. Assim, o sentimento de pertença e africanidade serviu como uma projeção futura para esta e outras gerações, mas precisamente para os angolanos em todo e qualquer momento.

De maneira geral, a literatura precisa ser um dos meios de colocar o leitor em épocas diferentes da sua, para perceber um determinado contexto ou situação vivida. A literatura tem e revela projeções importantíssimas por vezes não perceptíveis, mas essenciais, principalmente quando proporciona um momento de prazer, de afetividade e envolvimento. A depender da circunstância a que seja analisada ou interpretada, revela projeções importantes do fazer histórico, social, político e cultural.

Ao analisamos a obra “Uma escuridão bonita”, conhecemos um pouco do espaço luandino, seu autor e sua importância ao fazer poético e literário presente. Adentramos as questões sociais e bastantes pertinentes a que viveram o povo luandino na busca por afirmação de identidade e legitimidade.

A leitura da obra leva ao leitor a expandir-se para além das palavras, leva o leitor a envolver-se com os sentimentos, expressões corporais como é o caso do

toque, do cheiro, adaptando-se a uma escuridão forçada, porém, significativa, palpável, com sons e cheiros. Uma escuridão que não sentimos medo, mas que permite até sonhar com arco-íris. Desprendendo-se dos processos de decodificação, construção ou reconstrução do discurso.

Em síntese, duas impressões marcam a obra: as palavras que delineiam a narrativa de Ondjaki e as ilustrações que alçam vôos de imaginação por António Jorge Gonçalves na obra. Juntos, formam o encantamento em que residem as palavras e as imagens, tornando essenciais as figuras de estilo e combinações inesperadas, porém, cheias de detalhes que surpreende e emociona.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Fernando Costa. **Literatura angolana** (opiniões). Lisboa: Edição 70, 1980.
- BONNICI, Thomas. **Resistência e intervenção nas literaturas pós-culturais**. Maringá. Eduem, 2009.
- CHAVES, Rita. **A formação do romance angolano**. São Paulo: Coleção Via Atlântica, 1999.
- CHAVES, Rita. **Angola e Moçambique: experiência colonial e territórios literários**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2005.
- FONSECA, Maria Nazareth Soares. MOREIRA, Terezinha Taborda. **Panorama das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa**. In: Caderno CESPUC de Pesquisa. Série Ensaios, v. 16, p. 13- 69, 2007.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Revista dos tribunais LTDA. 1990. p. 80.
- MACEDO, Tânia. CHAVES, Rita. **Literaturas de Língua Portuguesa: marcos e marcas – Moçambique**. São Paulo: Arte & Ciência, 2007.
- MACÊDO, Tania. **Monandengues, pioneiros e catorzinhas: crianças de Angola**. In.: CHAVES, Rita; MACÊDO, Tania; VECCHIA, Rejane. (Org.). *A kinda e a misanga –encontros brasileiros com a literatura angolana*. São Paulo: Cultura Acadêmica; Luanda: Nzila, 2007, pp. 357-373.
- ONDJAKI. **Uma escuridão bonita**. Rio de Janeiro: Pallas, 2013.
- PIRES, Vera Lúcia. **Dialogismo e Alteridade ou a Teoria da Enunciação em Bakhtin**. In.: Organon, v. 16, n. 32-33, 2002. p. 35-48. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em <<http://seer.ufrgs.br/organon/article/view/29782> > Acesso: 10 de novembro de 2018.